

EROTISMO OU PORNOGRAFIA? IMPRECISAS FRONTEIRAS DAS SEXUALIDADES REGRADAS E DESREGRADAS ATRAVÉS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Saoara Barbosa Costa Sotero; Savio Queiroz Lima

*Universidade Católica do Salvador, saoarahistoria@gmail.com; Universidade Salgado de Oliveira,
savio_roz@yahoo.com.br*

Resumo

O presente artigo fruto de empenhada pesquisa sobre as construções discursivas e conceituais acerca do erotismo e da pornografia, busca compreender suas fronteiras e seus limites sociais, fazendo uso das Histórias em Quadrinhos enquanto objetos-fonte. O trabalho parte de registros históricos, no caso histórias em quadrinhos, em busca dos traços e valores que lhes carregam significados. Analisa as construções dos discursos sobre os territórios das sexualidades, em tais produções da Indústria Cultural de entretenimento, a partir dos poderes vigentes (Foucault) dos referenciais determinados pela coerência sexual (Butler), seus tabus e fetiches. Dialoga com a multidisciplinaridade em busca de seguranças epistemológicas sobre os conceitos de erotismo e de pornografia dentro de seus usos nas sociedades humanas, culturalmente e temporalmente localizados. Faz usos de narrativas erótico-pornográficas em histórias em quadrinhos nacionais e estrangeiras publicadas no Brasil e as suas vivências editoriais. Este trabalho foca seu interesse na crítica construtiva à dicotomia Erotismo/Pornografia, faz pontuações sobre os imaginários que delimitam as duas esferas discursivas, seus binarismos e determinismos, partindo de uma reflexão crítica embasada nos estudos sobre sexualidades normativas e dissidentes.

Palavras-chave: Sexualidade, Representação, Imaginário Social, Erotismo, Pornografia.

Introdução

Não é incomum que as artes, em suas diversas possibilidades, apresentem os desejos e interesses sexuais de seus autores. Além, as artes transmitem desejos, permitidos ou não, da sociedade em que são frutos. As expressões artísticas não são “puras”¹, são, antes de tudo, reflexos das influências sociais, políticas e econômicas do meio social onde são geradas, atribuindo imagens e sensações aos seus apreciadores e consumidores. Não é preciso, neste ponto, debruçar atenção sobre o sexo representado nas literárias, nas artes, nas diversas linguagens artísticas. Qualquer que seja o suporte usado, a sexualidade está, de alguma maneira, ali presente.

Histórias em quadrinhos são expressões artísticas e produtos de entretenimento da Indústria Cultural que expressam diversos humores humanos. Filhas bastardas da prensa móvel, as HQs já estavam presentes quando o mercado de periódicos fazia seus primeiros passos, uma adequação natural das ilustrações, muitas vezes de cunho político, para narrativas próprias.

No final do século XIX, muitas nações que tinham a imprensa como parte de uma cultura letrada, traziam jornais com desenhos jocosos ou apologéticos. Essas imagens, entre caricaturas e

¹ Ou, como diz Moacyr CIRNE (1973, p.49), “Não existe obra de arte pura”.

charges², expressavam os discursos sócio-políticos de seus idealizadores, apoiando a força política vigente ou confrontando-a. A leitura das imagens, entretanto, exige minúcias e esforços daqueles que se interessam em nelas extrair informações, como bem salienta o pesquisador Marcelo BALABAN (2012, p.44). Há, na pretensão dessas produções visuais, geralmente críticas através do riso, o intuito de uma pedagogia política pela recepção da imagem.

Foi neste cenário histórico de uso e abuso da imagem nas transmissões de ideias e discurso que nasceram as histórias em quadrinhos. Inicialmente acompanhando os textos formais nas páginas dos periódicos, passando a ganhar um espaço próprio, no formato de tiras. Como produto inserido num espaço mercadológico popular, sem especificação de público ou interesse (que não o político, pelos integrantes do jornal, por exemplo), não fugiam ao socialmente aceitável. Da intenção de crítica política humorística, logo conquistaram, no então formato de tiras, o público infanto-juvenil através de novelas românticas, com suas figuras heroicas, experimentando uma certa periodicidade.

O formato revista veio posterior, aproveitando o material que saiu primeiro no formato de tiras nos jornais. Neste novo formato, as narrativas eram agrupadas num único volume, as vezes acompanhadas de novas histórias dos mesmos autores ou de neófitos. O mercado de periódicos recebeu bem a nova proposta que ganhou o gosto popular, principalmente quando era feito de material barato e com preço módico. A experiência dos *pulps* fora fundamental para a sedimentação desse novo empreendimento e pode-se dizer seiva de seu sucesso (LIMA, 2008, p.38).

Estamos falando, entretanto, de uma produção formalizada, atendendo diversas convenções sociais, mas que não eram as únicas. No espaço da subversão, diversos artistas produziam, às margens desse mercado de periódicos, narrativas políticas, narrativas críticas, e, de nosso interesse, narrativas pornográficas, que faziam uso de histórias em quadrinhos como suporte. Nos Estados Unidos ficaram famosas as chamadas *Tijuana Bible*, produções clandestinas com poucas páginas, produzidas por autores anônimos, já em 1930. Essas Bíblias eróticas faziam versões pornográficas de personagens do mainstream, envolvendo-os em narrativas cômicas que expunham órgãos sexuais e uma sexualidade libertina e transgressora (MOYA, 1996, p.73).

Entretanto, quem mais chamou a atenção dos censores e puritanos nos Estados Unidos dos anos 1950 foram as histórias em quadrinhos sobre crimes violentos. Isso incentivou uma verdadeira “caça às bruxas”, a ponto de se fundar um comitê de investigação sobre as influências dos quadrinhos na delinquência juvenil em 1954. O moralismo era o regime sacralizado que cobriu o

² As caricaturas são exageros e deformações nas representações de pessoas, ideias, etc, para o fortalecimento de discursos enquanto a charge é a imagem referencial de uma dada realidade, geralmente crítica política (LIMA, 2008, p.18).

mundo durante as décadas de 1950 e 1960, fazendo com que produções rotuladas por pornográficas fossem censuradas. O discurso de proteção ao público infantil corroborava com a visão limitadora de que o suporte midiático que são as histórias em quadrinhos se enraizasse enquanto subliteratura feita para esse público.

Alguns quadrinhos ousaram enfrentar esse regime de castração comercial através da política sexual reprimida. No documentário francês *Sex in the Comix*, dirigido por Joëlle Oosterlinck e lançado em 2012, o historiador Bernard Joubert relata sobre o confronto do artista Tom of Finland contra a homofobia. Não há em tal obra nenhum discurso direto ou mesmo reivindicação clara, mas uma exacerbação de vivências e desejos homossexuais além das muralhas do escuso nos idos de 1962. Para a onda moralista, o homoerotismo era, então, pernicioso o suficiente para que seu simples uso fosse uma expressão política. De maneira semelhante, Ralf König, no mesmo documentário, confessa emoção quando soube que suas narrativas de humor e homossexualidade fizeram bem a tantas pessoas na Alemanha no apogeu dos anos 80.

Mas foi durante a década de 1970 que o suporte histórias em quadrinhos tornaram-se instrumentos audaciosos contra o conservadorismo nos Estados Unidos. Os discursos repressores das representações das sexualidades nos quadrinhos voltavam a perder força, através, principalmente, de mudanças que ocorriam nos espaços dos saberes psicológicos, o apogeu da contracultura e a decadência de algumas instituições sociais. Os quadrinhos *undergrounds*, como eram chamados, entre tantos temas, traziam as sexualidades dissidentes para o jovial público leitor.

Mas não se limitaram a explorar as performances e fantasias sexuais que foram por algumas décadas ocultadas. As histórias em quadrinhos nos anos de 1970, nas palavras da quadrinhista feminista Aline Komisnky, foram um dos meios de expressão do movimento feminista estadunidense para falar de assuntos como masturbação, relacionamentos abusivos, padrões de beleza, entre tantos outros. Revistas em quadrinhos como *Wimmen's Comix* e *Tits & Clits* não apenas traziam assuntos relevantes para o movimento das mulheres, eram, também, produzidas por mulheres, trazendo suas narrativas e suas artes. No binarismo, tais expressões indóceis carregam-se dos valores depreciativos, por isso mesmo se configuram como indesejáveis e desta maneira são posturas políticas sexuais.

Consumindo prazeres no Brasil

No Brasil, houveram curiosas investidas neste sentido, que podem muito bem serem interpretadas através do erotismo ou da pornografia, pelo senso comum. As primeiras dentro de uma produção permissiva, regida por um controle, mas que mesmo assim não deixavam de ser alvo de perseguições moralistas diversas. As segundas tidas por nefastas narrativas, obscenas, ficaram célebres justamente pela subversão em serem comercializadas de forma clandestina. Ambas fazendo parte de uma agenda de política sexual corroborativa com os conservadorismos morais defendidos pelo regime autoritário vigente, a Ditadura Militar que durou 21 anos.

Tornou-se corriqueiro, entre o final do século XIX e início do século XX, no Brasil, a produção e consumo de imagens licenciosas em periódicos. Foi o caso da revista *O Rio Nu*, que entre 1900 e 1916, atiçou curiosidades e desejos de leitores, fazendo uso de malícia e humor em textos e imagens em narrativas (DEL PRIORE, 2011, p.133). Com fotos de mulheres lascivas e corpulentas, mais próximas do real do que de uma estética idealizada, seguiam uma tendência europeia, especialmente francesa, que causava rubor, mas pouco estimulava repúdio. Mas para que a nudez e a sexualidade fossem permitidas, de fato, era preciso que atendessem critérios higiênicos das artes e da ciência, “bom gosto” e “utilidade” (*Ibidem*, p.128).

Entre as décadas de 1940 e 1950 era bastante comum a estratégia de uso do erotismo em revistas de piadas, recheadas de imagens eróticas bem-humoradas. As *pinups* foram sucessos imagéticos ao imaginário masculino desde o final do século XIX, mas foram as revistas de humor mexicanas e argentinas que fundamentaram esse específico mercado dúbio (JUNIOR, 2010, p.85). Eram publicações como *Bom Humor* (1946), *Revista de Copacabana* (1951), *Bikini Ilustrado* (1955), entre outras. Tal movimento seguia paralelo à gimnosofia de diversas publicações de fotos e textos que enalteciam o naturismo e nudismo (*Ibidem*, p.87). Foram vivências audaciosas, como a da atriz e feminista Luz Del Fuego (1917-1967), que enfrentavam os pudores de uma sociedade católica e nem de longe era o modelo feminino ideal que era ser mãe e dona de casa (DEL PRIORE, 2011, p.163).

Durante a Ditadura Militar, essa modalidade, de inserir erotismo em publicações de humor, voltou. Foi uma singularidade histórica conciliar um regime autoritário e moralista com a revolução sexual que varria o mundo, ocorrendo alguns avanços, outros retrocessos, mas, como descreveu Nelson Rodrigues, não houve época mais pornográfica (*Ibidem*, p.176). As pornochanchadas foram as expressões mais visíveis dessa relação, quando eram 40% da produção cinematográfica nacional, usufruíam de uma certa liberdade, mas não completamente isentas de uma perseguição e censura

(*Ibidem*, p.189), entre setores conservadores e até mesmo em militâncias libertárias, num jogo de mostre e esconde (ou pode mostrar ou pode esconder).

A crise econômica no mercado de periódicos atingiu as grandes editoras no começo dos anos de 1960 (JUNIOR, 2010, p.73). Mas isso não impediu que editoras como a Edrel investissem em produções que mesclam erotismo e humor, como foi o caso de *Garotas & Piadas*, de 1967 (*Ibidem*, p.115). Os grupos sectários que apoiaram o golpe militar mantinham vigilância e promoviam perseguições, além das claras doutrinações que se viam ameaçadas até mesmo pelas transformações sexuais e revolucionárias que chegaram ao Brasil em 1966. Com o AI-5, a censura prévia amedrontou os empresários do entretenimento em investirem em produções de risco, renascia a acusação de pornografia enquanto crime.

Na incapacidade de se barrar a vaga forte da revolução sexual, o regime repressor limitou-se a regular a permissividade. Quando o filósofo Michel Foucault pensa sobre a hipótese repreensiva, critica tal ponto de vista e aponta que a abertura social a se falar da sexualidade é que promove com eficácia o seu policiamento através da definição de espaços do permissivo e do proibido (FOUCAULT, 1998). Se falar sobre sexo, sobre erotismo e sobre pornografia, é o caminho mais eficiente para se definir controles e, através dos discursos dos agentes sociais, separar o aceitável do não aceitável.

Mas é claro que existiam, entre tantos, aqueles que viam nos quadrinhos instrumentos nocivos para a sociedade, principalmente o público infanto-juvenil, e até mesmo como instrumento comunista. Em 17 de junho de 1969, o general Humberto de Souza Mello, então presidente da Comissão Geral de Inquérito Policial-Militar (CGIPM), fundada no dia 10 de janeiro do ano vigente, enviou especial ofício (ofício 0121) ao Ministro de Estado de Justiça, alertando sobre os perigos de diversas publicações eróticas. A ameaça direta, segundo o autor da devassa, era à estrutura familiar, “pedra angular da sociedade”, que sofreria “corrupção moral” da “mocidade”. Vai além, define a pornografia como instrumento de subversão política contra o regime. As editoras quebraram por conta da censura.

Assim como no discurso do reacionário general, erotismo e pornografia orbitavam acusações como sinônimos. Ainda que os empreendimentos formais, como foram os das editoras Edrel e Grafipar, convivessem com perseguições, censuras e ameaças, as produções clandestinas fomentaram a imaginação popular, conquistaram o gosto popular e durante muitos anos foram consumidas na surdina. O mais célebre autor dessa produção clandestina de quadrinhos pornográficos foi o misterioso Carlos Zéfiro com os seus “catecismos”, assim chamados por

cabem secretamente nos bolsos das calças masculinas (DEL PRIORE, 2011, p.139), que resistiram na informalidade, de mãos em mãos, entre as décadas de 1960 e 1970. Seus temas eram representativos da sociedade brasileira, espelhavam suas sexualidades, tratavam de esposas maltratadas por maridos que viam no adultério uma válvula de escape, a hipócrita falsa castidade dos religiosos, ménages audaciosos, entre outros.

Zéfiro fez escola, pois não apenas garantiu um mercado subversivo, como seu nome se tornou chancela para autenticidade ou mesmo qualidade pornográfica. Influenciado por fotonovelas europeias, conduz o leitor através de quadros grandes, muitas vezes ocupando a página inteira, com narrativa dinâmica e foco nas performances sexuais, corroborando com o inconsciente coletivo sobre a sexualidade cada vez mais falada, comentada, vivida (D'ASSUNÇÃO, 1985, p.25). Sua arte sem elegância ou educada ofertava sem pudores um cotidiano libidinoso, uma sexualidade muitas vezes desviante, distante da norma vigente, mas próxima vulgaridade popular.

Anistia ao erotismo-pornografia

A democratização da pornografia, nas narrativas popularescas de Zéfiro, chamou a atenção dos governantes. Através de aparatos investigativos inseridos no programa de repressão e restrição, foi aberta investigação e busca pelos autores dos catecismos, chegando a prender o distribuidor principal, Hélio Brandão, dono de um sebo na Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro, mas a caçada perdeu força e o assunto foi abandonado sem conclusão. A identidade de Carlos Zéfiro, como sendo pseudônimo do funcionário público Alcides Aguiar Caminha, só fora revelada em texto titulado *O Fim de 30 Anos de Mistério*, de autoria de Juca Kfuri para a edição de número 196 da revista *Playboy* em novembro de 1991.

Com a abertura política, as amarras da censura não mais impediam as publicações lascivas nas bancas de revista. A produção nacional de quadrinhos já vinha retomando o vigor na década de 1970, mas buscando se afastar dos pântanos perigosos da pornografia, mas sem perder a influência tida por apenas erótica de Guido Crepax na estética (CIRNE, 1973, p.66-68). O artista italiano, ícone do quadrinho erótico, marcou a história dos quadrinhos eróticos brasileiros sendo o pivô de uma linguagem artística que influenciou nos artistas tupiniquins entre as décadas de 1970 e 1980. Como diz o crítico de quadrinhos e pesquisador Marco Giovannini, Crepax fez com que as histórias em quadrinhos “passaram a ser consideradas como Nona Arte” (GOIDA; KLEINERT, 2011,

p.109). Crepax era publicado na revista *Grilo*, da editora Arte & Comunicação, no começo dos anos de 1970, debutando a personagem Valentina na edição de número 7, de novembro de 1971.

Metáforas e eufemismos não faziam mais parte do cenário cultural brasileiro na transição das décadas de 1970 e 1980. Com as alterações jurídicas promovidas pelo ministro Ibrahim Abi-Ackel, a Divisão de Censura desocupava o departamento de Polícia Federal e aportava no Ministério da Justiça. Com isso, publicações como *Playboy* (outrora chamada de *Revista do Homem*) e *Ele & Ela*, com a liberação do nu frontal, puderam explorar o prazer visual através de fotos e registrar em textos os falares outrora proibidos para moderadamente acessíveis (JUNIOR, 2010, p.373). Onde outrora havia o amalgama entre erotismo e pornografia enquanto ameaças aos “bons costumes”, agora havia o vislumbre, ainda que turvo, de uma separação delimitada pelo poder instituído.

Mas a vinda das publicações com fotos em cores marcou uma mudança de rumos para a produção em quadrinhos. Era preciso qualificar os quadrinhos eróticos como arte, já que os rudes pornográficos agora não eram mais uma coqueluche, com as enxurradas de revistas com fotos de mulheres e sexo tão permissivas. A editora L&PM escolheu dar holofotes ao ilustre Guido Crepax em território brasileiro, com publicações como *Anita – Uma História Possível: Fantasias de Guido Crepax* lançada em 1982 e *Valentina* no ano seguinte. Mas diversos autores italianos fizeram nome e influenciaram artistas nacionais, como na relação entre Eleuteri Serpieri e Eugênio Colonnese, um nome internacional e outro nacional, com interesses e desejos convergentes.

A escola italiana de quadrinhos eróticos-pornográficos fincou bandeira em terras brasileiras na década de 1980. Tornou-se comum os nomes de Guido Crepax e Milo Manara em publicações como *Bianca – A Casa da Loucura*, pela L&PM em 1989 e *Sonhar, Talvez: Aquele Instável Rio da Vida*, pela Martins Fontes no mesmo ano. Já não eram “catecismos” (Carlos Zéfiro) ou “revistinhas de sacanagem” (Editora Edrel e Grafipar), agora eram quadrinhos eróticos. Mesmo que a Grafipar tenha investido muito no segmento erótico-pornográfico, apenas a crise econômica barrava seu avanço bem-sucedido, nem mesmo o terrorismo político de direita contra a abertura política e social conseguiu interferir na fragilização da censura e na liberdade sexual (JUNIOR, 2010, p.401).

Durante o processo de abertura e flexibilização da censura, o Ministro Abi-Ackel dizia saber diferenciar erotismo de pornografia, em entrevista para o programa *Canal Livre*, pelo canal de TV Bandeirantes (JUNIOR, 2010, p.402). Tornou-se, então, necessária a separação entre erotismo e pornografia para construir discursivamente uma separação qualitativa, baseada no bom gosto e na permissividade, entre amplitudes de expressão da sexualidade. A censura nos quadrinhos não foi

um processo exclusivo do Brasil, havendo ocorrido em diversos países, através da lei de ofensa moral pelo artigo 175 do Código Penal japonês, pela Lei de Censura na França em 1949 e que justificou em 1987 a exposição fechada para público, onde o Ministro de Interior francês, Charles Pasqua, demonstrou para entidades moralistas os perigos da produção erótica e pornográfica, numa passageira onda conservadora (NOTA, Documentário). O Regime Militar causou esse relativo atraso tanto da censura quando da perseguição às liberdades sexuais e ao erotismo-pornográfico.

Conclusão

Sempre foi de extremo interesse que os próprios meios identificassem seus produtos para garantir consumo pelo público-alvo esclarecido. Com a possibilidade de se construir um mercado de histórias em quadrinhos erótico-pornográficas, ficou claro que essa liberdade estava regradada, condicionada a um criterioso, mas turvo, senso de divisão entre o aceitável e o não aceitável. O filme *O Império dos Sentidos*, dirigido por Nagisa Oshima, de 1976, classificado hoje pelo site *Internet Movie DataBase* (IMDB) como “drama”, “horror” e “romance”³, apesar de ter sido banido no *New York Film Festival* no mesmo ano por conter explícita pornografia. No Brasil, mesmo com a pornochanchada, o filme só foi liberado através de mandado de segurança na década de 1980 (DEL PRIORE, 2011, p.193). O tempo e as mudanças nos imaginários sobre as sexualidades fizeram com que as classificações das produções separassem erótico de pornográfico.

Na ficha catalográfica há um espaço específico para a classificação de assunto, obrigatoriamente um, para definir características da obra. Através da normalização técnica da estrutura de catalogação, efetivada pela Biblioteca Nacional, o assunto tende a ser uma palavra de abrangência de logradouro da natureza do material, geralmente recomendável o uso das palavras-chave na produção científica. No caso de obras de ficção, produtos de entretenimento, essa responsabilidade é menor, aceitando com segurança um assunto que corrobore com as intenções comerciais da publicação. Localizados praticamente abaixo do número de padrão internacional do livro, o *International Standard Book Number* (ISBN) muitas vezes o último item, ou acima do *Classificação Decimal Dewey* (CDD) e/ou *Classificação Decimal Universal* (CDU), com o tempo tornou-se presente em publicações de quadrinhos com mais requinte material.

³ Na embalagem da mídia DVD do filme, distribuído pela Spectra Nova, a descrição está como “drama erótico”.

Partem da formalização construída sobre esse binômio opositor entre erotismo e pornografia. Termos outrora sinônimos de um mesmo malefício moral, agora se separavam para cumprir uma compreensão simplista e binária sobre o permitido e o indesejado. Erotismo é apropriado, conceitualmente, para higienizar uma postura regrada sobre a sexualidade e pornografia é tida por uma rotulação de imundície e deturpação. Seguindo a definição dos dois vocábulos, fazendo uso do dicionário Aurélio, erotismo atende ao que é “referente ao amor” e acresce por “literatura erótica”, deixando claro o entendimento de que se trata de algo legitimado através das letras e de um sentimento nobre. Por outro lado, no mesmo dicionário, pornografia está atrelada a palavras como “devassidão”, “obscenidade”, “caráter imoral de publicações”, abrangendo produções em suportes subalternos. Não são interpretações novas, mas reapropriações de suas funções significativas, tendo a pornografia sua origem em estudos sanitários sobre a prostituição entre os séculos XVIII e XIX. O erotismo, por sua vez, surge no século XVI e também surge como uma ameaça, mas vinculada a um bom gosto, sob respaldo de uma parcela erudita e abastada da sociedade.

Sem a vivência de mercado dos quadrinhos de super-heróis, os europeus, inseridos na Segunda Guerra na época, se especializaram em narrativas mais maduras, mas não menos oníricas. Os antifascistas italianos viram no erotismo em quadrinhos um meio de subversão artística, política e ideológica. Guido Crepax, como já comentado, influenciou o mercado nacional, e depois de viver em avulsas páginas nas décadas de 1970 e 1980, sua mais famosa criação, Valentina Rosselli, foi republicada em dois volumes, um em 2006 e outro em 2007, pela editora Record. Nos dois casos, os materiais originalmente publicados entre 1965 e 1968 foram definidos pelo assunto “erotismo”.

O italiano Milo Manara adentrou o mercado brasileiro em edições fechadas e como parte de publicações tipo coletânea, como na revista *Animal* e na *Heavy Metal Brasil*. Com destaque anos depois de Crepax, adentrou o mercado nacional em um momento mais propício de liberdade sexual. A editora Martins Fontes publicou seu material, como *O Clic*, em 1988, por exemplo, sendo seguida pela editora Globo, com *Viagem a Tulum*, em 1991. Apostando no segmento, a editora Conrad lançou as quatro partes de *O Clic*, entre 2006 e 2009, e em edição completa em 2010. Não apenas nestas edições, mas em outras do mesmo artista e com a mesma linguagem, o assunto na ficha catalográfica se mantém como “erotismo”. A editora Pixel, que também lançou material de Manara, *Gullivera*, por exemplo, em 2006, optou por “ficção erótica”.

As duas categorias, tornadas oposições num sistema binário empobrecido de reflexão e criticidade, nem são conflitantes. Essa divisão, arbitrária, se vale de uma abordagem superficial sobre a questão da sexualidade enquanto elemento de consumo, artístico e de entretenimento. A intenção, neste caso, é de uma regulação do sexo (FOUCAULT, 1998), através de discursos estabelecido por diversos agentes sociais e perpetrados através de definições, rótulos, falares. É preciso uma crítica reguladora (críticos de arte, de cinema, de quadrinhos) para gerar o “selo de garantia” de que, diferente do chulo produto da pornografia que fora outrora, trata-se, então, de expressão erótica, higienizada.

Seguindo a máxima de erotismo-pornográfico e humor, uma autora italiana se destaca no mercado internacional de quadrinhos: Giovanna Casotto. Autora, do sexo feminino, isso já garante a singularidade de sua posição numa indústria majoritariamente masculina, num espaço temático, o erótico-pornográfico, definido como um espaço também masculino. Giovanna se insere nos quadrinhos por intermédio do universo fetichista em 1994, fazendo uso de fotografias para seus desenhos, inclusive tendo a si mesma por modelo principal. No Brasil, dois álbuns seus existem, o álbum de luxo *Giovanna*, pela Conrad em 2006, e o *Giovaníssima*, pela editora Veneta em 2016. Na publicação da Conrad, o assunto está definido por “erotismo”, seguido de outros: “prazer” e “sexo”.

Longe dos pretensiosos critérios mercadológicos utilizados pelas editoras para elaborar a relação temática, podemos, no caso de Giovanna, entender melhor a relação da autora com erotismo e pornografia. Em entrevista cedida ao site Plano Infalível⁴, Giovanna entende que, por ser algo de caráter “completamente pessoal”, “a fronteira entre erotismo e pornografia oscila seguindo o próprio gosto e pudor”. Quando questionada sobre perseguições que possa ter sofrido, apenas diz que nunca sofreu censuras, mesmo diante da crueza bela de seu trabalho pornográfico, como descreve. Giovanna deixa suas personagens, “fartas, gostosas, sem frescuras anoréxicas”, no prefácio de Xico Sá para a supracitada edição, muitas inspiradas em si mesma, com seus pelos pubianos, seus pés em destaque aos fetichistas.

Ainda assim, existem republicações que não se preocupam com qualquer estigma que lhe acarretaria em se assumir pornográficas, ou, no caso, “sacanas”. É o caso da coletânea em duas caixas de oito volumes (quatro livretos numa caixa, quatro livretos na outra), organizado por Toninho Mendes para a editora Editoractiva, chamada *Quadrinhos Sacanas*, publicada em 2010. Material entre os anos de 1960 e 1980, no formato semiclandestino, feito por autores (e seus pseudônimos) menos populares que Zéfiro, compilado nos volumes através de temas como zoofilia,

⁴ Que pode ser lida em: <http://planoinfalivel.com/erotismo-ou-pornografia-giovanissima-resposta/>.

homerotismo (chamado “terceiro sexo”), entre outros. Não possuem fichas catalográficas, mas deixam claro se tratarem de uma antologia da produção de quadrinhos pornográficos brasileiros, produções de acabamentos mais requintados, mas que já foram de material barato, feito de forma rudimentar, sem primor técnico, produção popular para consumo popular.

Nas investigações desses detalhes, das estruturas narrativas e dos assuntos que rotulam as publicações em suas fichas catalográficas, vemos o discurso de alta cultura. A dança entre cultura subalterna (pornografia) e cultura hegemônica (erotismo) se encontra não mais nas raízes de suas produções, mas nas redes discursivas e nos valores que lhe são atribuídos por uma casta detentora dos saberes, agentes sociais. A medida que o gosto pela lascívia escancarada parte do apreço popular, de pornochanchadas aos quadrinhos, do sujo e subversivo ao higienizado pelos críticos, percebemos uma versão singular do conceito de circularidade cultural, como trabalhado pelo historiador Carlo GINZBURG (2006, p.15) em sua obra *O Queijo e os Vermes*.

Referência

ALEXANDRIAN. **Historia de la literatura erótica**. Tradução para o espanhol de Daniel Alcoba. Bogotá: Planeta, 1991.

ARENT, Marion. **Gênero, Desejo e Erotismo: Um caso de comparação entre “Clubes de Mulheres” em Buenos Aires e no Rio de Janeiro**. Cuadernos de Antropología Social Nº 34, pp. 69–92, 2011.

BALABAN, Marcelo. **A Soberania dos Países Constitucionais: O Público e o Povo nos Desenhos de Angelo Agostini**. In: *Patrimônio e Memória* – volume 8, número 1. Unesp, São Paulo, Jan-jun de 2012.

BRIDGE, Mark. **O triunfo de Eros – Sexo e Símbolo na escultura de Brennan**. Prefácio de André Gustavo Carneiro Leão. Recife: Letras & Artes editora, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Erika. **A enunciação pornográfica no catecismo de Carlos Zéfiro**. In: *Revista Contemporânea – Dossiê História e Literatura*. Ano3, Volume 2, número 4. Núcleo de Estudos Contemporâneos – UFF, Niterói, 2013.

CASOTTO, Giovanna. **Giovanna**. Editora Conrad, São Paulo, 2006.

CASOTTO, Giovanna. **Giovanníssima**. Editora Veneta, São Paulo, 2016.

CIRNE, Moacy. **Os Novos Quadrinhos Brasileiros**. In: *Revista de Cultura Vozes – Quadrinhos & Ideologia*. Ano 67, número 7 – setembro de 1973.

COLONNESE, Eugênio. **Mirza: A Mulher Vampiro**. Editora Catânia, São Paulo, 1989.

CORRÊA, Amanda Presotti. **Pedagogias do desejo: erotismo, violência e construção da sexualidade feminina**. 2006. 146 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

CREPAX, Guido. **Anita - Uma História Possível: Fantasias de Guido Crepax**. L&PM, 1982.

CREPAX, Guido. **Bianca – A casa da Loucura**. L&PM, Porto Alegre, 1989.

CREPAX, Guido. **Valentina**. L&PM, Porto Alegre, 1983.

CRUZ, Gutemberg. **Feras do humor baiano (Lage, Nildão e Setúbal)**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1997.

D'ASSUNÇÃO, Otacílio. **O quadrinho erótico de Carlos Zéfiro**. 3º Edição. Editora Record, Rio de Janeiro, 1986.

DANTON, Gian. **Grafipar: a editora que saiu do eixo**. Editora Kalako. São Paulo, 2012.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. Editora Planeta, São Paulo, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. Petrópolis: Vozes, 1969.

_____. **A Ordem do discurso**. Disponível em:
<http://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/foucault-michel-a-ordem-do-discurso-aula-inaugural-no-college-de-france.pdf>. Acesso em: 07 de outubro de 2014.

_____. **História da Sexualidade: a Vontade de Saber – vol. 1**. Graal, São Paulo, 1998.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Vozes, Petrópolis, 2004.

GERBASE, Carlos. **Imagens do sexo: as falsas fronteiras do erótico com o pornográfico**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 31 dezembro de 2006.

HILL, Charlotte; WALLACE, William. **Erótica: Uma antologia ilustrada da arte e do sexo**. Tradução Elis Abreu. Ediouro. Rio de Janeiro, 2003.

JUNIOR, Gonçalo. **A Guerra dos Gibis 2: Maria Erótica e o clamor do sexo: Imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar, 1964 – 1985**. Editoractiva produções artísticas. São Paulo, 2010.

LEITE Jr., Jorge. **Das Maravilhas e Prodígios Sexuais – A Pornografia “Bizarra” como Entretenimento**. Anna Blume, São Paulo, 2006.

LIMA, Savio Queiroz. **História Cultural dos Quadrinhos: O Gênero Super-herói (ou o Povo Extraordinário: História, Cultura e Sociedade nos quadrinhos de Super-heróis)**. Trabalho Monográfico de Conclusão de Curso em História pela Universidade Católica do Salvador. Salvador, 2008. Acessado: 28 de outubro de 2015. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/monografia/historia-cultural-dos-quadrinhos-o-genero-super-heroi-2008/74>.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LUCHETTI, Marco Aurélio. **Desnudando Valentina**. Editora Opera Graphica, São Paulo, 2005.

MANARA, Milo. **O Clic – volume 1**. Editora Conrad, São Paulo, 2006.

_____. **O Clic – volume 2**. Editora Conrad, São Paulo, 2006.

_____. **O Clic – volume 3**. Editora Conrad, São Paulo, 2008.

_____. **O Clic – volume 4**. Editora Conrad, São Paulo, 2009.

_____. **Sonhar, Talvez: Aquele Instável Rio da Vida**. Milo Manara. Martins Fontes, 1989.

MARINHO, Joaquim. **A Arte Sacana de Carlos Zéfiro**. Editora Marco Zero, São Paulo, 1983.

MARINHO, Joaquim. **Os Alunos Sacanas de Carlos Zéfiro**. Editora Marco Zero, São Paulo, 1991.

MARIOTTI, Giovanni. **CASANOVA**. L&PM, Porto Alegre, 1988.